

Novas Novidades, Redes Digitais. Valores Livres, em Nets Virtuais.¹

Armando Ortiz Monteiro Filho²
Universidade Paulista (UNIP)
Pontifícia Universidade Católica (PUCSP)

Resumo:

A equação, consumo-satisfação, sobre produção-lucratividade, se realiza em sensações/ percepções de valores como uso, troca, referenciais, simbólicos, sógnicos, fractais/ virais... mas, deixam brechas que em rebeldias nas lógicas do sociocultural estão em confronto com as da acumulação, na estruturação da produção, distribuição, troca, consumo, a economia-política, em energias, hoje com alternativas que aceleram processos produtivos/ tecnologias, desenvolvem meios, sistemas, fatores produtivos, ampliando possibilidades/quantidades em bens, crescimentos técnicos, de informações, armazenagem em energias/bits que ampliam redes de relacionamentos, em sociabilidade, comunidades virtuais, sociedades digitais, em identidades que atentam à preservação, biodiversidade, sustentabilidade, mudam mercados, empreendimentos, comportamentos, na transconformação de princípios/ valores em linguagens do sociocultural.

Palavras-chave: princípios/valores, brechas/rebeldias, lógicas do sociocultural/acumulação, redes de identidades/sociabilidade.

A Unicidade Natureza-Cultura.

Cultura das Redes como Ampliação da Natureza.

As redes sociais que se configuraram após o domínio do repertório sonoro, que se tornou simbólico, proporcionando, tanto as línguas e linguagens, como os registros em conhecimentos, que a partir da natureza, sua exploração em tecnologias para matérias primas, as possibilidades das interações, para a produção que caracterizam bens, para a satisfação, sobrevivência, convivência e vivência entre grupos, comunidades e sociedades, podem demonstrar a continuidade da natureza-cultura, sendo a própria cultura uma ampliação e desenvolvimento da natureza, como um elemento único para todas as produções.

Estas, a partir de redes sociais, separaram bens públicos de responsabilidade destes poderes, em assuntos da natureza, da história, do patrimônio, de domínios públicos e da cultura e bens comuns, que são construídos e reconstruídos pelas comunidades que os criaram, fazendo, agindo, interagindo em redes de relações sociais cada vez mais complexas, aonde atualmente chegamos a uma situação em que até o simples trabalho do pensamento é conce-

¹- Artigo científico apresentado ao eixo temático: “Redes sociais, identidade e sociabilidade”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

²- Coordenador/ Professor, Pós-Graduação: MBC, Marketing e Comunicação em Mercados, MBC, Comunicação e Mídia e Comunicação, Empresarial e Institucional, na UNIP. Diretor/ Consultor na ACV *atendimento.com* MESTRE em Ciências da Comunicação, Propaganda USP/ Universidade São Paulo - ECA. ortiz@usp.br; ortiz.pos@unip.br; www.topblog.com.br/marketingsociocultural; http://lattes.cnpq.br/2173992952530461

bido como bem, porem como propriedade privada, onde no limite os conhecimentos também são transformados em produtos que vão para o mercado, num sistema econômico-político da lógica da acumulação.

No entanto, hoje, principalmente com o advento da internet, as redes sociais complexas em comunidades virtuais, sociedades digitais, estão desenvolvendo métodos para compartilhar conhecimentos e garantir à manutenção desta liberdade, em outra lógica possível, além da lógica da acumulação, como lógica do sociocultural, em diversos movimentos de inteligência coletiva, de *software livre*, *Linux*, *open sources*, *wikis*, *Wikipédia*, *commons*, sites de busca, as ciências, como a biologia aberta entre diversos e novos empreendimentos coletivos em outra lógica, onde parece que chegamos a uma outra e nova consciência comum de que só existe esta natureza comum, e a maneira como iremos utilizá-la é fundamental, diante de tanta tecnologia contraditória que deixa resíduos inúteis, lixo, não degradável que reponha a natureza, com produção de bens ao consumo conspícuo, de bens nem sempre úteis, mas acumuláveis, na maioria dos casos, guardados sem cumprirem suas funções elementares.

Situação esta que nos leva a crises como, por exemplo, na saúde pública em que morrem pessoas com a epidemia N1H1, ou AIDS, que não morrem porque não há conhecimentos que permitam encontrar a solução, mas morrem porque a investigação existente e os resultados não são partilhados. Sendo este um exemplo das contradições da vida e da vida em sociedades, que em crises afloram e se manifestam em projeções claras, em processos sociais e culturais com aparência antagônica, mas tornam-se centrais para a economia-política e sistemas produtivos como todo.

Deste modo, o que eram contraditórios como os argumentos ambientais, diante dos econômicos, que sempre foram colocados como não possíveis de caminharem juntos, por altos custos, em relação à produção e a lógica da acumulação, nestas novas situações estão não só juntos como se desta maneira não for realizado prevêm-se catástrofes para a biodiversidade e, por conseguinte para todas as vidas e modos de produção.

Estas coletivas manifestações têm seqüências na organização produtiva, nos impactos que atingem formações sociais, nos modos como participamos que se tornam aparentes nas crises, em sensações e manifestações que se expressam em ações, atitudes, verbalizações, protestos, rebeldias, resistências... pois, quando, as relações de produção e forças produtivas são tratadas apenas contabilmente, em detrimento da organização do trabalho social envolvido; nos cortes realizados, para que restem recursos e capital, em nome de investimentos, já que os mercados não reagem em compras e, portanto, acumulando-se bens produzidos sem

serem adquiridos, que instaura as contradições do sistema, com impactos em públicos/ *targets*/ mídias.

Assim, sem compradores e sem poder de compra este se torna o circuito, que retrai ainda mais os mercados, caracterizando e ampliando as crises/ contradições, porém são brechas para outras atuações em outras lógicas como a da natureza-sociocultural.

Crise, Economia-Política e Finanças.

Os fenômenos de crises são inerentes a sistemas econômicos/ políticos/ financeiros; e mesmo economistas que insistem na capacidade *harmonizadora* do mercado, as reconhecem, mas as concebem como um limite com o qual o sistema deve lidar: - é o predomínio do *harmomicismo*, derivando-se ao *neoliberalismo*, onde as fases em que crises, como 1929 ou, a dos 70 e a atual, forçaram sua incorporação ao pensamento da economia-política; - mesmo assim, estas se revestem de caráter funcional, sendo entendidas como típicas do crescimento, como indicadores da incapacidade do setor privado em resolver problemas sem a intervenção do Estado.

Desta maneira, revelam a emergência da dimensão contraditória do sistema marcado por conflitos, pois até no G20/Londres/ G8/Áquila/ 09... a discutir a economia, aquecimento global, combate à pobreza, comércio internacional... onde a crise ficou tão associada à crítica objetivada, apontando sua dimensão negativa, o não funcionamento do sistema, que ao gerar moeda inexistente e assim supervalorizada, sem lastro produtivo, gera um infindo jogo financeiro, onde os participantes indicaram como no próprio sistema se realiza sua autocrítica.

Uma espécie de fim do pensamento *neoliberal*, pregando a forte intervenção de Estado em injeções em *capital estatal* no setor financeiro, na contradição de sua não intervenção na economia e em mercados, que por si sós em suas atividades, deveriam *harmonizar-se*, o que não ocorre em mercados, onde aí sim, as mercadorias se realizam e não na circulação global de moedas em bolsas de valores, com ênfases nas trocas de dinheiro em valorização fictícias, que se ampliam com trocas de propriedades na compra e venda de ações.

Resultado, os ativos financeiros, ações e imóveis, desabam em preços, mais próximos de seus valores reais, ou até abaixo em valores aí irrealis, negativos. Pois, se o capital é valor que se valoriza, os momentos em que se desvalorizam os próprios valores existentes são aonde se compromete seu crescimento, que nesta acumulação ampliada se contradizem, negando as condições de sua existência, com desequilíbrios entre os setores da economia, a incapacidade

dade dos empreendimentos, conjuntos produtivos, em criar mercados, devido a condições antagônicas não centradas na distribuição de bens, que fundam as contradições, sendo este o ponto crítico de crises.

Apesar de complexas categorias, na composição de ativos financeiros em capital é, no entanto, onde o desdobrar destes formatos do sistema, referem-se a resultados na negação de formas anteriores e aonde se chega ao mais intrincado delas. Pois, se o capital é trabalho passado acumulado, *inativo*, no momento de acumulação simples, que só se multiplica a partir do trabalho incorporado, que se reproduz, quanto mais trabalho é realizado, na concentração constitutiva do capital e das relações com a força de trabalho é onde se expressa à situação contraditória, que é aonde as crises e situações críticas na outra ponta, implicam em desempregabilidade.

Ao não adquirir e incorporar a força de trabalho, o capital acumulado e seus gestores deixam de se apropriar da capacidade de medir *valor*, como nos mercados de capitais e índices em bolsas, pois, não se utilizando da capacidade que o trabalho abstrato possui na sociedade de trocas em mercadorias, em que esta é a real capacidade reprodutiva do capital e são estes os locais e ativos financeiros onde o capital adquire, não só a propriedade de se valorizar a si mesmo, como a de medir essa valorização. Pois, é no mercado onde ele se valoriza, e não nas trocas em bolsas, que se medem nos pregões.

Daí a relação do capital, que se valoriza, com a produção, na incorporação do trabalho, que é distante da mensuração que dele se faz em relação à valorização, porque ambas, mensuração e valorização, derivam desta oposição capital/ trabalho.

Ao mesmo tempo em que integra a força de trabalho, o capital também precisa negá-la, com formas de produção que o eliminem, com a utilização de energias, troca por máquinas, substituição da inteligência produtiva pelas tecnologias da informação e trabalhos rotineiros pela informática, robotização, ou nas comunicações com a *internet*; momentos em que adquire a capacidade de se medir, e assim, o capital reitera que essa capacidade pertence ao agente que ele mesmo põe como oposto, o *trabalho*.

É nesta perda de dimensão, quando não mais se sustentam que *quebram* nas cadeias produtivas, que não são mais setoriais e tornam-se evidentes, apesar de sua complexidade, mas derivadas de processo em que *se vende para comprar* e que se realizam pela mediação de dinheiro; - onde se separam e se autonomizam que geram assim, oportunidades de não coincidirem.

No mercado, esta discrepância entre compras e vendas precisa ser corrigida e quando isso acontece verifica-se a incompatibilidade entre os valores daquilo que se comprou e que se tem a pagar com o dinheiro de uma venda, que pode não ocorrer.

Segue-se um conflitante ajuste, onde os *valores* desaparecem.

Parece processo simples, mas os impactos/ distúrbios atingem de maneira a desestruturar os processos produtivos, distribuição, consumo, o sociocultural, portanto a sociedade, atingindo a todos. Pois, nestes formatos de crises que se reapresentam, refluem, recrudescem, sempre quando as finalidades são definidas e redefinidas pelo capital, na *lógica da acumulação*, como a de *comprar para vender*, que estão em oposição à *lógica do sociocultural* e de nossas necessidades básicas, alimentação, respiração, abrigo e descanso, que são simples diante da sofisticação de consumo e necessidade de se trabalhar e da reprodução que assegura as sociedades e onde destas necessidades, todas as demais são derivadas; - e com variáveis agora significativas em volumosos aportes em *capital estatal*, na tentativa de conter a crise.

Este é o ponto crítico, a ruptura, a quebra e assim a brecha que se estabelece com comportamentos de rebeldia que instauram outras lógicas como a do sociocultural.

Energias Produtivas, Economia-Política, Sociocultural.

Os aportes em capital em ações globais põem no cenário, outras e novas relações em parcerias, alianças estratégicas, associações, sociedades, entre o público e o privado, a salvar investimentos em capital, em nome de e para que sejam assegurados empregos e trabalhos, na reorganização/ rearranjo de sistema produtivo. Entretanto, o que ocorre é o contrario inúmeras demissões, o recrudescimento da crise e em seu bojo contradições e rupturas.

O que se estabelece são os Estados tentando salvar o sistema da ação predatória de empresas/ investidores, pois, as manifestações e quebras são nos sistemas financeiros, onde as economias criaram conceitos de riqueza diversos e não se trata mais de dispor de *valores de uso*, mas de ampliar cada vez mais abstrações em acumulação de capital, como se fosse à lógica própria da economia-política, o que não é, pois, são lógicas criadas a partir do sistema de produção, apenas para sustentá-lo.

Busca-se deste modo, obter cada vez *maiores quantidades do mesmo, fator simbólico e fluído*, o conceito de moedas, ainda se reproduzindo: - para economistas são *comportamentos racionais*, voltados para a acumulação e em linguagens cada vez mais sofisticadas, a justificar atuações dos circuitos das bolsas de valores mundiais, que põe em defesa quem não pre-

cisa, os investidores, como se fossem jogadores, que perderam, ou apenas mais uma insensatez cometida, mas que exige sofisticação teórica e retórica em sua defesa, já que, os que perderam seus empregos, simplesmente... *perderam seus empregos!*

E são mínimas iniciativas para mantê-los, então, defendem-se investimentos, como se só com estas medidas, na outra ponta, se ajustariam e estariam criados e mantidos, os diversos dos trabalhos.

Estas transformações, já apontadas por economistas desde o séc. XIX, que entre outras tendências destacaram algumas das sociedades, que indicam como as formações sociais foram compelidas a aumentar incessantemente a utilização de energias, recursos, matérias primas, relações de produção e forças produtivas, ampliando a gama e massa de mercadorias, com maior capacidade de produzi-las.

Assim, a transformação cada vez maior de mais e mais bens, materiais ou simbólicos, porém que estejam transconformados em mercadorias, onde no limite, tudo seria realizado, como *mercadoria!*

Com estas bases, as sociedades induziriam a ampliar cada vez mais o espaço geográfico/ geopolítico inserido no circuito mercantil, apesar de concentrados em locais urbanos, mas deste modo teríamos mais riquezas e populações que da produção participassem e nos limites esses espaços/ tempos de trabalhos teriam abrangência global.

O que ocorreu, com a *globalização*, nada mais que a *unificação de mercados* e não de culturas, pois, este é processo muito mais complexo que a simples circulação mundial de mercadorias, apesar do enorme desenvolvimento das comunicações e da não prevista revolução das *nets*, *e-economia*, *e-política*, *e-cultura*, *e-sociedade*, *e-mercados*, *e-commerce* num só contínuo e na unicidade da *internet*, porém, em transações eletrônicas imediatas, sem limites/ fronteiras, apesar de reais questões de distribuição e logísticas de entregas.

Internet, Redes, Cultura.

O crescimento incandescente da internet está em todos os setores da economia, política, serviços, comunicação, mídias... que ganham equivalentes na rede em atividades de impacto no sociocultural.

Ler, jornais, revistas livros... fazer operações bancárias, financeiras, conhecer pessoas, fazer compras, trabalhar na rede etc. é a nova realidade, onde quase tudo que podemos fazer

com ela, podemos também fazer de outro modo, mas o que se modifica é a velocidade, a escala, o alcance, a produção, em que as trocas de informação acontecem.

Como um e-mail que leva instantes para chegar, qualquer computador ligado à Internet é conectado em segundos, podemos mandar uma página para milhões, escolher entre bilhões de páginas simultaneamente, e funciona como os meios de comunicação por transmitir informação, mas é um facilitador de transportes, ao permitir um mercado na compra - venda de produtos, como música, software, jornais, revistas, livros e muito mais que antes tinham de ser transportados e distribuídos fisicamente.

Ainda, é possível reproduzir textos, sons, imagens, animações acessíveis tão rapidamente a tantos ao mesmo tempo com velocidade, escalas, uniformidade e economia em grande aceleração na difusão de informações e com a característica adicional que se pode interferir no conteúdo e sabendo-se usar as plataformas, ou seja, mensagens e meios, que se pode operar de modo absolutamente novo, caracterizando nova e imediata interatividade e muito mais, mas muito mais mesmo vem por aí.

Já estamos presenciando que o conhecimento significativo que se produz estará ao alcance do acesso à Internet, que quase acidentalmente se tornou a plataforma de produção, reprodução, transmissão, cópia... de informações, que envolveu as sociedades e o sociocultural numa teia intrincada.

Em tudo isto e mais, em jogos eletrônicos, celulares com diversas funções etc. informação a todo instante, em redes que se adaptaram às novas tecnologias e as decorrentes manifestações em formações culturais que é difícil existir sem esta parcela digital do segmento de cultura.

A inovação tecnológica, as novas tecnologias digitais de comunicação mudaram quadros, formação e participação cultural, o impacto de tecnologias como o telefone celular, a TV digital, a internet na sociedade... além das alterações, com o aumento vertiginoso da quantidade de informação e o surgimento de comunidades virtuais, sociedades digitais, ligadas à idéia de interatividade, de interconexão, de inter-relação, de informações, dados, textos, sons, imagens, animações... dos mais variados gêneros em interconexão diversa, complexa e crescente na enorme expansão das tecnologias digitais.

Ainda, com crescimento da oferta e consumo mesmo que restrito, de produtos de última geração e de alguns novos hábitos disseminados em modificações presenciadas na esfera do trabalho, que tem seu dia-a-dia marcado cada vez mais pela forte presença dos computadores, da Internet e dos telefones celulares... na evolução do ensino à distância e presencial, com

profundas transformações no setor de entretenimento e comunicação, surge a televisão digital interativa, de interação com imagens e dados, as tecnologias sem-fio, *wireless*, pronta para espalhar inteligência coletiva entre os aparelhos, as mudanças nos hábitos e na proliferação das comunidades virtuais, sociedades digitais e as noções de cooperação, confiança e inter-relação em outra lógica, a do sociocultural.

Lógicas que constituem as bases que permitem cotidianamente, colaborarem para a manutenção da vida e de comunidades, sociedades em rede. Cobrindo os mais variados domínios, seja trocando mensagens, seja debatendo questões: - econômicas-políticas, da biodiversidade, da sustentabilidade... seja simplesmente acompanhando uma discussão, onde pessoas de origens diversas, iguadas ao conviverem em comunidades *on-line*, experimentam esse aspecto da *igualdade*, da sociabilidade, de identidade e portanto de *fraternidade*, além da *liberdade* da produção de conteúdos e do modo com que estamos conduzindo e construindo nossas relações em meio aos mais variados artefatos tecnológicos, nesta lógica do sociocultural que além destes consagrados valores democráticos, se encaminham à princípios como os da *cidadania, responsabilidade e justiça social*.

Redes Sociais de Conexões Complexas.

Os impactos relevantes desta transconformação nas sociedades têm origem na comunicação digital, que é elemento técnico, mas que permite as comunicações digitais em redes e alteram processos comunicativos tradicionais, baseados na distinção identitária, entre emissor e receptor e em na forma de distribuição hierárquica de informações.

As redes alteram, a arquitetura binária na qual o processo comunicativo se manteve desde o teatro, passando pela escrita e pela eletricidade (rádio, cinema e TV) e hoje não temos mais a figura do receptor-passivo, mas do receptor-emissor, onde antes era apenas o emissor quem desempenhava postura ativa, pois o receptor limitava-se à decodificação e à interpretação da mensagem.

A comunicação na rede não pode ser mais descrita pela distinção entre emissor e receptor, e o acesso a ela produz, tecnicamente, a tomada coletiva da palavra, a possibilidade da produção de conteúdos, a crítica, a concordância, a discordância, processos de rebeldias em brechas de sistemas, a atuação da inteligência coletiva e muito mais.

Isto é a possibilidade técnica do acesso de todos à publicação e à edição das informações, que é preciso analisar no contexto da história da comunicação, o que representa o sur-

gimento das redes digitais, na progressiva perda da centralidade do mensageiro-emissor e, por conseguinte, a progressiva emancipação da mensagem e dos receptores-emissores, na outra ponta.

Do mensageiro que transporta fisicamente a mensagem, ao telégrafo sem fio e aos *e-mails*... a mensagem se emancipa e é transmitida cada vez mais velozmente, e aí, constatamos também a vocação democrática da comunicação, que a cada inovação passa a incrementar a quantidade de informações e o público alcançado, permitindo a redução do tempo de entrega e dos custos necessários à propagação, bem como suas repercussões imediatas.

Assim, não é difícil perceber como a comunicação digital, os *blogs*, os *sites*, *flickr*, *Orkut*, *facebook*, *Wikipédia*, *youtube*, *twitter*... são a continuação e a ampliação do processo da história da comunicação. Não considerar essas transformações significa inviabilizar a compreensão do que está acontecendo e que como estas transformações atingem a todas as sociedades.

As características destas novas formas de comunicação eliminam as mediações e põem em contato direto os agentes, mesmo que personas, personagens, *avatars*, ou seja, os protagonistas e todos aqueles que habitam os campos de conexões sejam eles quais forem.

Os *blogs* são exemplos da utilização de nova técnica de transmissão, repasse das informações, direta, rápida e sem mediações e expressão da tendência do imediatismo comunicativo, além da imediata recepção e possibilidades de ações e reações comunicacionais. Que, por sua vez, foram também originados no advento da tecnologia da computação móvel, da conexão *wireless*, da portabilidade, da armazenagem digital de energias *bits* etc. que determinam as possibilidades de estar “*always on-line*”.

É importante destacar a velocidade, acessibilidade e a utopia do imediatismo da comunicação de todos para com todos, que acompanha a história da comunicação. E que cada vez mais é tecnicamente possível, além de originar a nova cultura comunicativa, presente no cotidiano, que transforma o local, plataformas e produção de conteúdo, de forma acessível, em campo de conexões, no interior do qual atuamos e desenvolvemos o sociocultural.

Este como uma espécie de sobre camada, pois, conhecimentos, possibilidades de resolução de problemas, armazenados em energias *bits*, (como *cloud computing*), por sobre o real, por convenção como *realidade virtual*, algumas vezes já definida como *cultura digital*.

Assim, nestas novas conformações e ambientes e em diversos setores e contextos é cada vez mais possível observar situações análogas, que apontam para o fim das mediações tradicionais da comunicação em interações, interatividades, produção de conteúdos/mensagens

em meios/plataformas, onde os adventos de uma nova arquitetura do sociocultural, abertas e colaborativas, aceleram transformações, que tem agitado os cenários econômicos-políticos, da legislação, do sociocultural, da natureza e ambiental, da biodiversidade à sustentabilidade entre muitos outros.

Com novos valores na *lógica do sociocultural*, em valores vinculados à produção, como valores de *uso*, de *troca* e *referenciais*, que mudam até conhecimentos aplicados como *marketing* em suas *finalidades*. Ou, a *comunicação publicitária* em seus *conteúdos*, em valores *simbólicos*, da *percepção* sobre bens produzidos, *sígnicos*, das *sensações*, ambos para interpretação, compreensão e decisões sobre o consumo de bens, calcados em conteúdos democráticos consagrados, da *igualdade* quando agora estamos em ações em redes, em grupos de referências, em comunidades virtuais, sociedades digitais, mesmo que como *personas*, *personagens*, *avatars*, em identidades e identificações por semelhanças, em produções similares a grupos de pertencimento, ou por *fraternidade*, e ainda na *liberdade* da interferência, produção de conteúdos, em mutirões de inteligência coletiva, que se espalham de modo que se convencionou denominar como *viral*, entretanto como energias que se espalham, se reproduzem e não se modificam como as partículas elétricas os *fractais*.

Assim, o consumo de: internet, as *lan houses*, *web-blogs*, *wikis*, as comunidades virtuais, sociedades digitais... compõem: redes socializadoras de relações complexas, em estruturas organizadas informalmente, com novas práticas culturais em suportes e plataformas multimidiáticas com outros espaços sociais e tempos em outras e novas redes.

E agora, em novas tecnologias que pretendem ser: - semânticas, (significados) - polisêmicas, (sentidos), onde a privacidade das novas vidas públicas, a intimidade dos diários virtuais, *blogs*, etc. são a emergência da *subjetividade privada*, *tornada pública* e os *avatars* tornam-se personagens, *personas*, em *comunidades virtuais* e em *sociedades digitais* e esta produção / intervenção em multiplataformas são a passagem de *sujeitos-audiência* a *sujeitos-rede*. E, fundamental multimidiáticos, *multicore* e transconformados de *receptores a emissores*.

Hoje, mesmo que não queiramos, estamos nas redes, na web, na internet que pairam como energias, parecendo por sobre, como nuvens e, por *identidades* e *identificações*, escolhemos *grupos de referência e participação* com estes critérios, *princípios e valores*, *consagrados e aceitos*, cada vez mais esta *produção* se dá em *brechas de sistemas* em *processos de rebeldias* que são mudanças que favorecem outras *lógicas*.

Que do ponto-de-vista da *responsabilidade social*, são prioridades, para se trabalhar com os segmentos organizados da sociedade, como: empresas, ONGs, escolas, cooperativas, associações, Ministério Público, PROCON, mídia especializada em direitos do consumidor etc. *para que sejam indutores do balizamento das relações de consumo, na lógica do socio-cultural*, pois, somente com cidadãos instruídos e conscientes, que lutam por seus direitos e defendem o equilíbrio das relações de consumo, através do comércio justo, privilegiando a saúde, a segurança, o meio ambiente, no exercício da cidadania, justiça social...

Desta maneira, diante das críticas, da participação possível nas nets, os princípios consagrados da *cidadania, justiça e responsabilidade social*, orientadoras da lógica do sociocultural, tem vingado, apesar do também imenso lado obscuro da internet. Mas afinal, as redes de relações sociais complexas que ampliam o social e são as bases de ações para o desenvolvimento e crescimento, sustentabilidade, da biodiversidade natureza-cultura, ampliando nossas identidades, a sociabilidade que são quase imediatas nas nets.

Pois, procuramos e orientamos nossas necessidades de dados, informações, conhecimentos, que resolvem nossos problemas e assim nossas identificações, que caracterizam e amplificam as possibilidades de sociabilidade, são como mais uma forma de ação possibilitada pelas redes, que mesmo recebendo, críticas geralmente dos defensores do *status quo*, se modificam, se transformam, aceleram e ampliam muitas e novas formas de sociabilidade, na amplificação e força da nova voz na internet, a da *opinião pública*.

Como de modo ampliado, no caso emblemático da cobertura da repressão dos protestos no Irã, que, sem a tecnologia da telefonia móvel, fotos e vídeos digitais e das redes sociais digitais, teria sido ignorada pela opinião pública, pelos governos e pelas instituições internacionais.

A China, e sua economia socialista de mercado e a tentativa de filtrar e censurar a internet, mesmo com a barreira do idioma, não foi capaz, tampouco no caso da repressão ao Tibete.

Agressores que foram presos após serem encontrados por vítimas em sites de relacionamentos como no *Facebook, Orkut...* Outros que foram alvo de ataques que fizeram despençar o serviço de micro mensagens *Twitter* e a rede social *Facebook* com ataques tão constantes e sofisticados que se supõe tenham sido cometidos por uma organização maior, como um governo, por exemplo, iniciando a era do refugiado digital.

Na campanha de Barack Obama, formaram-se 35 mil grupos de voluntários que conseguiram 13 milhões de endereços de e-mail de eleitores em potencial aos quais enviaram um

bilhão de mensagens, convidando para 200 mil eventos. A mobilização conseguiu arrecadar US\$ 750 milhões, mais do que o dobro de McCain, através de pequenas doações entre 20 e 50 dólares.

Para evitar desapontamentos ou promessas não cumpridas, utilizaram-se do conceito: da hiper-segmentação. Sem mensagens em massa, mas ao máximo personalizadas, as mensagens se dividiam por local de residência, idade e nível de renda... além de evitar a todo custo o *spam*, e proporcionar as pessoas que se guiassem pelas opiniões do ambiente, de um familiar, de um amigo, de um vizinho, bem mais do que pelas opiniões de um especialista ou de autoridades, aqui chamados de formadores de opinião, mas, com a internet e as redes sociais, tentando se utilizar o ‘boca em boca’, neste caso o ‘*link em link*’.

Inúmeros casos de novos empreendimentos, que se utilizam da internet, como o *Pirate Bay*, que apesar de não armazenar filmes, seriados, músicas ou programas de computador em seus servidores, o site é um popular buscador que rastreia arquivos de *torrent* (que permitem a troca de arquivos via internet) e desde 2006 é alvo de ações legais promovidas pela *IFPI (International Federation Of The Phonographic Industry)* e *Motion Picture Association Of America (MPAA)*. Agora, em 09 foram condenados, só que os usuários começaram a enviar doações para pagar as multas; - surgiu o partido pirata, que já tem 1 deputado na Comunidade Européia; - e a NOKIA que comprou músicas (4mi) para serem baixados em seus celulares; - muito melhor que ‘*brigar*’ é buscar oportunidades alternativas na lógica do sociocultural, mesmo que quem compre um celular, já pague pelas músicas, baixando ou não!

É difícil que um software aberto como o *UBUNTU* consiga competir com a *Apple* e a *Microsoft* mesmo sendo um excelente sistema operacional, ele e todas as outras distribuições do Linux, foram ultrapassados pelos *hackintosh* - computadores *não-apple* com o *mac osx* pirata instalado, (cf. pesquisa divulgada pela *net applications a canonnical*³), anunciou em seu blog oficial que começará a oferecer cursos de *UBUNTU* para profissionais e usuários domésticos nos EUA, com cinco e dois dias de duração, as aulas vão apresentar o programa e suas ferramentas de escritório, conectividade, navegação, edição gráfica, multimídia e música aos não-iniciados, além de dar dicas de como fazer a migração para o sistema operacional.

No mundo na web, nesta edição, 2009, o foco da *CeBIT* foi:

“(CeBIT é a feira mais importante sobre tecnologia das comunicações para a casa e para o ambiente de trabalho. A feira está dirigida aos usuários do setor industrial,

3 http://uoltecnologia.blog.uol.com.br/arch2009-02-01_2009-02-07.html#2009_02-03_13_21_52-133915325-26

atacadistas, bancos, serviços, agências governamentais, cientistas e todos os apaixonados pela tecnologia. CeBIT oferece uma plataforma internacional para conhecer as tendências do mercado, a rede e os novos produtos do setor.)” www.cebit.de

1. Exposição de conceitos *webciety* – web/ sociedade. A idéia foi mostrar como a internet mudou o modo como as pessoas se comunicam e também o mundo dos negócios.
2. Novidades *cloud computing*, sistemas de armazenamentos e execução de arquivos remotos.
3. Mostrar ferramentas colaborativas, como *wikipédia*, afetam os negócios – e *CeBIT Open Source*, apoio *Linux Foundation* - sistema operacional livre *Linux*.
4. o setor *Green It* voltado a tecnologias ambientais.

Todas as tecnologias que nos servem para estarmos *linkados* em relações interpessoais na lógica do sociocultural que interessa a todos a cada um de nós e a todas as vidas, a biodiversidade, que só pode ser tratada por lógicas não comerciais.

Pois, não e mais possível ser só ambientalista, ecologista, político, eco e socialmente correto, ou só militante de causas sociais, políticas, econômicas, ecológicas, culturais... é preciso ser *ético-militante na resistência da vida*, da biodiversidade na rebeldia em manter o necessário e eliminar o predatório, pois, já temos diversos ecossistemas irrecuperáveis, crises de energias, de alimentos, de recursos, contra a vida em todas as suas formas e nunca poderemos nos esquecer, que aí se encontra a maior das brechas, das rebeldias e resistências, pois que, sem elas nada mais pode existir.

Estas podem ser fortes tendências neste nosso acelerado futuro atual, pois, também somos seres quase insignificantes pela fragilidade e ao mesmo tempo contamos com a força da vida no universo da natureza. Porém, somos os mais significativos no desenvolvimento da cultura e como natureza/cultura são elementos únicos intrínsecos, interligados em sistema complexo, a única forma de ampliarmos a natureza é através da produção de cultura, contanto que neste processo, não tenhamos que destruí-la!

As utilizações das tecnologias nos servem, mas sempre são datadas, porém, a novidade de hoje já é ultrapassada e pode ser lixo amanhã!

A imensa importância das operabilidades tecnológicas são as acelerações de contatos e relações interpessoais no desenvolvimento do sociocultural. Isto é, a ampliação de identida-

des, transconformação e ampliação da sociabilidade, e principalmente pelo desenvolvimento de *redes de relações sociais e culturais complexas, na utilização de lógicas voltadas ao sociocultural*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARENDE, H. – **“Eichmann em Jerusalém”**. Cia das Letras. São Paulo. 2004.
- BAUDRILIARD, J. – **“A Transparência do Mal”** - Papirus Editora, Campinas, 1996.
- BAUMAN, Z – **“O Mal Estar da Pós-Modernidade”**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998.
- _____ - **“Modernidade Líquida”**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro. 2001.
- _____ - **“Amor Líquido. Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos”**. Jorge Zahar Ed. R.J. 2004.
- _____ - **“Vida Líquida”** - Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro. 2007.
- CARVALHO E. A. – **“Enigmas da Cultura”** – Questões da Nossa Época 99. Cortez. São Paulo. 2003.
- _____ – **“Cinema, Educação e Cidadania”**. APROPUC-SP. Revista Cultura Critica – no. 4 Cinema - 2º Sem. 2006.
- COSTA, R. - **“Folha Explica A Cultura Digital”** - Editora: Publifolha. 2006.
- ERCILIA, M. - **“A Internet”** - Editora: Publifolha. 2005.
- LACAN, J. – **“Meu Ensino”**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2006.
- LÉVI-STRAUSS, C. – **“Mitológicas I”**. Cosac & Naify, São Paulo. 2004.
- MARX, K. – **“El Capital”**. - Fondo de Cultura Econômica. México 1972.
- MAUSS, M. – **“Sociologie et Anthropologie”**, Paris PUF. 1962.
- McLUHAN, - M. – **“La Galaxie Gutenberg”**. Paris. Gallimard. 1967.
- NEGROPONTE, N. – **“A Vida Digital”** - Cia. das Letras – São Paulo. 1995.
- KUNH, THOMAS – **“A Estrutura das Revoluções Científicas”** - Ed. Perspectiva. S. Paulo - 1978.
- MORIN, E. – **“O Método 4”**. – Ed. Sulina. Porto Alegre. 1998.
- _____ - **“Cultura de Massas no Século XX – Necrose”**. Forense Universitária Ed. - S.P. 2006.
- _____ – **“Introdução ao Pensamento Complexo”**. Ed. Meridional/Sulina. Porto Alegre. 2006.

SERRES, M. – **“Hominescências”**. O começo de uma outra humanidade? - Bertrand Brasil Ed. R.J. 2003.

SERRES, M. – **“O Incandescente”**. Bertrand Brasil. R.J. 2005.

SILVEIRA, S.A.- **“Comunicação Digital e a Construção de Commons”**. Ed. Perseu Abramo. São Paulo. 2007.